

## A FEIRA LIVRE NO CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA

Gil Carlos Silveira Porto<sup>1</sup>

**RESUMO:** *O texto discute a configuração espacial e a produção das principais feiras livres dos municípios de Maiquinique, Macarani, Itarantim, Itororó e Itapetinga, todos inseridos na Região Sudoeste do Estado da Bahia. O trabalho foi desenvolvido a partir do entendimento de que as feiras constituem uma das manifestações do circuito inferior da economia urbana dos países subdesenvolvidos. O referencial teórico, de maior relevância, utilizado para compreender as feiras foi o do professor Milton Santos. As análises foram construídas mediante informações concedidas pelos feirantes comerciantes e consumidores à luz da teoria citada. Após tabulação e interpretação dos dados obtidos, verificou-se que a maioria dos atributos do circuito inferior está presente no “acontecer” das feiras livres. Essas características vão desde as relações estabelecidas entre comprador e vendedor à organização interna dos espaços de venda. Além do entendimento da feira como parte integrante do circuito inferior desses municípios, questões outras foram elucidadas. A maioria dos comerciantes e dos consumidores é de baixa renda e freqüentam a feira não somente para vender e comprar, mas a vêem como local de encontro e de entretenimento.*

**Palavras-chave:** Feiras livres; Circuito inferior da economia; Comerciantes

### INTRODUÇÃO

Em lugares onde o sistema capitalista não se interessou em criar novas formas de produção, as velhas relações homem e natureza aí resistem, sendo lentamente transformadas. Essas pretéritas relações referem-se, dentre uma diversidade de combinações e fenômenos, à forma como os homens utilizam-se do espaço e quais instrumentos servem de meio para essa apropriação. O conjunto de práticas, de costumes e de valores que regem a relação do agricultor com a terra, o tipo de ferramenta utilizada e a interação do próprio ser humano com o outro permanecem pouco ou nada alterados em muitas regiões do Brasil e de outros países. Por exemplo: uma parcela dos produtos que abastecem os mercados locais, em muitas cidades brasileiras, continua sendo produzida por pequenos proprietários de terra, que, como faziam seus antepassados, ainda desenvolvem a agricultura de subsistência em locais geralmente próximos da área de comercialização, sem uso de agrotóxicos e máquinas. Entretanto, é sabido que uma quantidade considerável desses produtos origina-se de locais, onde se desenvolve uma agricultura moderna, que distam centenas ou milhares de quilômetros de onde são comercializados e consumidos os produtos. É nesse sentido que o movimento da sociedade resulta da superposição no espaço de tempos diferentes, tempos passados e tempos presentes, com estruturas correspondentes a cada um deles. Nessas condições, podem-se citar as feiras livres, práticas tão antigas quanto o processo de formação das sociedades, que, de forma lenta ou não, acompanham as transformações ocorridas na produção e distribuição dos produtos, no campo e na cidade, com repercussões espaciais.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia – UFBA, Professor do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da rede pública e privada de ensino em Salvador. E-mail: [gilport@uol.com.br](mailto:gilport@uol.com.br).

## DESENVOLVIMENTO DO TEMA DO TRABALHO

Discutir o espaço geográfico sem fazer menção e uso do arcabouço teórico do professor Milton Santos é, no mínimo, continuar fazendo Geografia como se fazia há cinco décadas. Com ele, inaugura-se uma nova etapa da produção do conhecimento geográfico no país. A Geografia brasileira não é mais a mesma depois do professor baiano, que priorizou o espaço como principal objeto de suas reflexões.

Para Santos (1979, p. 15), “os componentes do espaço são os mesmos em todo o mundo e formam um *continuum* no tempo, mas variam quantitativamente e qualitativamente segundo o lugar, do mesmo modo que variam as combinações entre eles e seu processo de fusão”. Daí porque as diferenças entre espaços.

No espaço geográfico, as cidades também tiveram seu lugar nas pesquisas desenvolvidas pelo professor. Para ele, as cidades brasileiras têm sido historicamente analisadas a partir de modelos e teorias já consagradas. Dentre essas se pode citar a dos lugares centrais e dos pólos de crescimento (SANTOS, 1979, p.16). Partindo do pressuposto de que a cidade, do ponto de vista econômico, é formada por dois sub-sistemas, o circuito inferior e o superior, obriga-se o pesquisador a não fazer uso somente dessas teorias consagradas mas também lançar mãos de outras explicações na tentativa de compreender as especificidades de cada espaço citadino. No caso do estudo desenvolvido, a discussão foi construída sobre o conceito e as características do circuito inferior da economia, onde se acredita estarem inseridas as feiras. O circuito inferior entra, então, como elemento indispensável na compreensão da economia urbana em qualquer cidade, em se tratando do nosso objeto de estudo, na economia das pequenas e médias cidades.

Vários autores estudaram o circuito inferior em diferentes situações no mundo subdesenvolvido<sup>2</sup>. Sem dúvida aquele que aprofundou essa questão mais recentemente, questão essa relacionada à produção do espaço urbano nos países pobres, foi o professor Milton Santos. Segundo ele (SANTOS, 1979, p. 17) o estudo do circuito inferior não se reduz apenas à análise dos mercados. O autor propõe dois caminhos para essa análise:

1. Entender o circuito inferior como um subsistema dentro do comércio em geral.
2. Estudar o fenômeno do mercado no seu contexto, como um subsistema do sistema geral de relações espaciais, do qual a cidade é um dos centros ou um dos elementos.

Aqui não adotamos nem um caminho, nem outro, a feira livre, inserida dentro do circuito inferior da economia, foi, de certa forma, posta como um dos elementos possíveis para compreensão do espaço urbano, entretanto, em nenhum momento, deu-se mais atenção à cidade que à feira livre.

Antes de uma discussão sobre a inserção da feira nos circuitos econômicos, cabe defini-los. Para SANTOS (1979, p.17-18) “o circuito inferior compreende as atividades de fabricação tradicionais, como o artesanato, assim com os transportes e a prestação de serviços”. Vale ressaltar que o estudo realizado não propôs dissecar as atividades relacionadas às formas de produção tradicional ou mesmo discutir o sistema de transporte. A análise construída é resultado dos estudos desenvolvidos a partir da produção do comércio e dos serviços nas feiras livres já mencionadas.

Segundo SANTOS (1978, p. 163), “o ato de produzir é, ao mesmo tempo, o ato de produzir espaço”. O espaço em sua totalidade tem sido re/produzido para atender às necessidades do homem. Ora ele é intensamente modificado, ora menos. O fato é que, de uma forma ou de outra, o espaço é objeto de intervenção através do trabalho. Essa, então, tornou-se a

---

<sup>2</sup> Equivale ao sentido conferido ao terceiro mundo, logo, os países que o constituem apresentam declínio constante das condições de vida das suas populações. Nesses países, a exclusão de grandes contingentes populacionais aos direitos humanos mais básicos, como educação, emprego, habitação e alimentação básica tem.

premissa básica aceita para o início das pesquisas: o espaço, sobretudo o das feiras livres, é um espaço reproduzido pelo homem que determina a sua inserção em um ou nos dois circuitos da economia. Essa produção espacial não se dá de forma isolada, sendo assim,

O espaço não se (re) produz sem conflitos e sem contradições inerentes a uma sociedade de classes. As práticas não se reduzem apenas à produção imediata (dentro de cada estabelecimento); é na vida cotidiana, como um todo, que essas contradições se manifestam mais profundamente; nas diferenciações entre os modos de morar, o tempo de locomoção, o acesso à infra-estrutura, ao lazer, à quantidade de produtos consumidos etc. (CARLOS, 1994, p. 23).

O desenvolvimento do modo de produção capitalista tem produzido diferentes realidades sociais e espaciais. Essas realidades caracterizam-se pela existência de uma massa de pessoas que recebem salários baixos, trabalham esporadicamente ou não têm nenhum rendimento, convivendo ao lado de uma minoria com rendas elevadas (Santos, 1979, p. 29). Esse quadro cria uma divisão entre aqueles que podem consumir permanentemente o que necessitam e aqueles que, mesmo tendo necessidades, não podem satisfazê-las. Esse contexto cria diferenças quantitativas e qualitativas no consumo nas diferentes cidades do mundo subdesenvolvido, diferenças essas que se expressam nos circuitos de produção, distribuição e consumo dos bens e serviços, produzindo, assim, dois subsistemas dentro da economia desses países, a saber, o circuito superior e o circuito inferior.

Um desses circuitos é o resultado direto da modernização tecnológica e uma de suas características é o desenvolvimento de atividades modernas que beneficiam a poucos. O outro resulta de um mesmo processo, mas com resultados inversos, em que os indivíduos se beneficiam parcialmente das atividades ligadas a essa modernização. É nesse sentido que o modo de produção capitalista produz regiões que dependem de outras e subsistemas que são subordinados a outros.

Essa modernização tecnológica produz transformações na estrutura do trabalho, que se reproduz diferentemente em regiões e países. Santos (1979, p. 29), ao discutir essa transformação, afirma que

[...] quanto à agricultura, também vê diminuir seus efeitos, ou porque é atrasada ou porque está se modernizando. Essa é uma das explicações do êxodo rural e da urbanização terciária, nas cidades dos países subdesenvolvidos, o mercado de trabalho deteriora-se e uma porcentagem elevada de pessoas não tem atividades nem rendas permanentes.

Em se tratando do recorte espacial onde a pesquisa se desenvolveu, pode-se afirmar que o aumento do desemprego está associado, principalmente, às transformações ocorridas no espaço rural sub-regional: a agricultura tradicional não se modernizou, ao contrário, tem sido substituída pelas pastagens. Boa parte dos desempregados tem sua origem na zona rural. Antes de migrarem para as cidades desenvolviam a agricultura familiar ou de subsistência, comercializando os excedentes nas feiras locais. Enquanto, de um lado, ocorre a diminuição do emprego na agricultura e na indústria, provocada pela modernização tecnológica, sendo essa última mais presente nas grandes cidades, por outro lado, a força de trabalho não pára de aumentar. Conseqüentemente, criam-se atividades de pequenas dimensões. Essas atividades estão presentes em diferentes sociedades e cidades e, aquelas ligadas ao comércio, ocorrem geralmente nos espaços livres públicos. No caso dos municípios estudados, os vendedores ambulantes não chegam a fazer parte do cenário urbano. Não se pode dizer que tem havido um aumento do número de feirantes-comerciantes por conta desse aumento do desemprego, pois a dimensão das

feiras não tem aumentado, tampouco a quantidade dos que compram na feira. A existência das feiras não está ligada a esse aumento de desempregados, que vêm nas pequenas atividades a possibilidade para sobreviverem, entretanto, essa transformação ocorrida no campo tem provocado mudanças no tocante ao abastecimento das mesmas, quanto à origem e à quantidade dos produtos comercializados.

Santos (1979, p. 31) afirma ser o circuito superior constituído

[...] pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. O circuito inferior é constituído essencialmente por formas de fabricação não-‘capital intensivo’, pelos serviços não-modernos fornecidos ‘a varejo’ e pelo comércio não-moderno e de pequena dimensão.

São várias as atividades que podem ser incluídas nos dois circuitos da economia. O trabalho desenvolvido não se propôs estudar os dois circuitos nos cinco municípios. A análise centrou-se no entendimento das suas principais feiras como parte do comércio não-moderno e de pequena dimensão. O autor afirma ainda que não há uma definição rígida entre os usuários dos dois circuitos, considera que tanto uma população de médio poder de compra, como a de baixo poder podem adquirir seus produtos no circuito não-moderno e de pequena dimensão, nesse caso, a feira livre. Antes de prosseguir a discussão sobre as diferentes classes que se utilizam da feira para adquirir seus produtos de consumo, cabe definir qual conceito de classe média e de população pobre foi aplicado a esse trabalho. Santos (1979, p. 38) afirma ser difícil definir o conceito de classe média, visto que os critérios de ordem cultural frequentemente vêm interferir nos de ordem econômica, mas ressalva ser essa classe formada por assalariados de todo tipo que se situam acima do nível de subsistência, mais os proprietários e empresários cujos ganhos são insuficientes para que passem para as classes superiores. Quanto aos pobres, o autor os define como

[...] aqueles que não têm acesso, de modo regular, aos bens de consumo corrente considerados como o mínimo indispensável numa certa sociedade. Muito raramente têm acesso ao crédito institucional e representam o essencial da clientela dos pequenos estabelecimentos comerciais ou artesanais.... Trata-se, em geral, dos não-empregados e dos subempregados, mas também dos assalariados que recebem muito pouco (SANTOS, 1979, P. 38).

Para efeito de compreensão das classes que fazem uso das feiras, aceitou-se a definição dada por Santos em relação a elas. Cabe ainda afirmar que, a depender da dimensão das cidades e das atividades nelas desenvolvidas, os conceitos de classe média e de classe popular devem ser relativizados. Sendo assim, a população pobre das sedes dos municípios de Maiquinique, Macarani, Itarantim e Itororó, se comparada a essa mesma população no município de Itapetinga, possui pouco ou nenhum acesso a bens de consumo para satisfazer suas necessidades básicas. Isso decorre do fato de a população itapetinguense possuir melhores rendimentos que a população dos demais municípios. É importante salientar que a maioria dos dados utilizados para construir as tabelas desse artigo, logo, as interpretações resultantes da análise de cada uma delas são provenientes do trabalho de campo<sup>3</sup>, constituindo-se, portanto, de dados primários.

---

<sup>3</sup> Entre os meses de junho de 2003 e junho de 2004, foram aplicados 500 questionários aos feirantes das cinco feiras livres. Em média, 100 em cada uma das feiras; desses, 70 destinaram-se aos feirantes-consumidores e, 30, aos feirantes-comerciantes.

Os dados da tabela 01 informam que em todos os municípios, exceto em Itapetinga, mais de 80% da população analisada vive sem rendimentos e/ou recebe até meio salário mínimo mensal. Em todos eles os que recebem mais de dois salários mínimos correspondem a menos de 7,5%, exceto Itapetinga, onde mais de 11% da população recebe esse rendimento. Essa diferença de distribuição de renda entre Itapetinga e demais municípios permite inferir que um único critério seja ele qual for, não deve ser utilizado para identificar e tipificar as classes sociais nesses municípios. Itapetinga apresenta uma população com melhores rendimentos, se comparados ao rendimento populacional dos outros quatro municípios. Essa realidade determina diferentes comportamentos de sua principal feira livre se comparada às feiras livres das outras sedes municipais.

**Tabela 01 – Municípios integrantes da área de estudo  
Renda nominal mensal – Absoluta e Relativa 2000**

| Renda               | Municípios/Renda-Absoluta e Relativa |      |          |    |           |    |         |    |            |    |
|---------------------|--------------------------------------|------|----------|----|-----------|----|---------|----|------------|----|
|                     | Maiquinique                          |      | Macarani |    | Itarantim |    | Itororó |    | Itapetinga |    |
|                     | A                                    | R    | A        | R  | A         | R  | A       | R  | A          | R  |
| Até 1 s.m           | 2.136                                | 37   | 4.243    | 37 | 4.779     | 35 | 5.698   | 36 | 15.151     | 33 |
| Mais de 1 a 2 s.m   | 571                                  | 10   | 1.135    | 10 | 1.427     | 10 | 1.636   | 10 | 6.869      | 15 |
| Mais de 2 a 5 s.m   | 231                                  | 4    | 556      | 5  | 403       | 3  | 769     | 4  | 3.427      | 7  |
| Mais de 5 a 10 s.m  | 104                                  | 2    | 122      | 1  | 171       | 1  | 241     | 2  | 1.519      | 3  |
| Mais de 10 s.m      | 25                                   | 0,4  | 70       | 1  | 81        | 1  | 135     | 1  | 815        | 2  |
| Sem rendimento      | 2.701                                | 46,6 | 5.295    | 46 | 6.835     | 50 | 7.546   | 47 | 19.194     | 40 |
| População analisada | 5.768                                |      | 11.421   |    | 13.696    |    | 16.025  |    | 46.975     |    |
| População Absoluta  | 7.326                                |      | 14.594   |    | 16.923    |    | 19.799  |    | 57.931     |    |

Fonte: IBGE, 2000.

A – Renda Absoluta

R – Renda Relativa

Antes da análise do circuito inferior nas feiras livres estudadas, faz-se necessário definir as características mais importantes de cada circuito. O quadro comparativo 01 apresenta essas características que foram definidas por Santos (1979, p. 34).

As feiras livres não apresentam todas as características descritas abaixo, entretanto algumas delas estão presentes na *acontecer* semanal de cada uma. Das características do circuito inferior, as presentes na produção dessas feiras relacionam-se:

- à organização das atividades;
- ao valor de capitais empregados pelo comerciante para a manutenção do negócio;
- ao emprego e às relações entre “patrão” e empregado;
- ao comportamento do estoque;
- ao funcionamento dos preços;
- à utilização dos créditos;
- à margem de lucro;
- à relação entre o feirante-comerciante e a clientela;
- à publicidade.

De forma a atender ao limite de páginas permitidas para a construção deste artigo, apenas três atributos do circuito inferior foram analisados nas feiras estudadas, a saber: a organização das atividades, o valor do capital empregado pelo comerciante para a manutenção do negócio e o emprego com ênfase na relação patrão / empregado.

Enquanto no circuito superior, a organização do trabalho é burocrática, no inferior, e, no caso das feiras livres, ela se dá de maneira primitiva. No caso do primeiro, existe todo o

cumprimento de etapas para a abertura do empreendimento, etapas essas que vão desde a liberação da Receita Federal para o funcionamento do estabelecimento à taxação de diferentes impostos. Nas feiras livres, os vendedores organizam-se de forma primitiva, pois, dentre outras características, não há um controle rígido de quem pode ou não, ali, comercializar seus produtos. Nas cinco sedes municipais, onde a pesquisa foi desenvolvida, o poder público municipal destina um sub-espço da feira ou do mercado central para que a população rural comercialize o excedente da produção. Esses agricultores-feirantes espalham lonas sobre o chão ou outros tipos de suporte para que seus produtos sejam comercializados. Os que utilizam barracas também o fazem de forma arcaica no sentido de que nem sempre se apropriam de máquinas calculadoras, fichários e suas respectivas atividades, e não estão cadastradas em nenhum órgão estadual ou federal. Outro elemento que caracteriza o arcaísmo dessas feiras é o fato de não haver um controle rígido por parte da prefeitura em relação ao funcionamento dos pontos de venda. Em todas elas, exceto em Itapetinga, não há empecilhos para que qualquer cidadão passe a comercializar qualquer produto. No caso dos boxes, o candidato inscreve-se na secretaria municipal responsável, geralmente a Secretaria de Serviços Públicos, e aguarda a “vacância” dos mesmos. Quando isso acontece, apropria-se do box até que não deseje mais utilizá-lo. No caso dos que desejam vender em lonas, nenhuma inscrição é necessária, basta chegar aos sábados, estendê-las sobre o chão e ali estabelecer um pondo de venda provisório. Além disso, o transporte das mercadorias geralmente é feito em caminhões, animais e em alguns casos nas costas dos próprios vendedores como se observa na tabela 02. Sendo assim, a forma como essas feiras se organizam possibilita enquadrá-las como parte integrante do circuito inferior da economia, uma vez que seu comportamento apresenta elementos primitivos, se comparado ao das lojas integrantes do circuito superior.

### Quadro 01 – Características dos circuitos econômicos.

| Características                    | Circuito superior  | Circuito inferior  |
|------------------------------------|--|--|
| 1. Tecnologia                      | 1. Capital intensivo   | 1. Trabalho intensivo  |
| 2. Organização                     | 2. Burocrática   | 2. Primitiva   |
| 3. Capitais                        | 3. Importantes   | 3. Reduzidos   |
| 4. Emprego                         | 4. Reduzido  | 4. Volumoso  |
| 5. Assalariado                     | 5. Dominante   | 5. Não-obrigatório   |
| 6. Estoques                        | 6. Grande quantidade e/ou alta qualidade   | 6. Pequena quantidade, qualidade inferior                                |
| 7. Preços                          | 7. Fixos (em geral)  | 7. Submetidos à discussão entre comprador e vendedor ( <i>haggling</i> ) |
| 8. Crédito                         | 8. Bancário institucional  | 8. Pessoal não-institucional   |
| 9. Margem de lucro                 | 9. Reduzida por unidade, mas importante pelo volume de negócios (exceção produtos de luxo) | 9. Elevada por unidade, mas pequena em relação ao volume de negócios     |
| 10. Relações com a clientela       | 10. Impessoais e/ou com papéis   | 10. Diretas, personalizadas  |
| 11. Custos fixos                   | 11. Importantes  | 11. Desprezíveis   |
| 12. Publicidade                    | 12. Necessária   | 12. Nula   |
| 13. Reutilização dos bens          | 13. Nula   | 13. Freqüente  |
| 14. <i>Overhead capital</i>        | 14. Indispensável  | 14. Dispensável  |
| 15. Ajuda governamental            | 15. Importante   | 15. Nula ou quase nula   |
| 16. Dependência direta do exterior | 16. Grande, atividade voltada para o exterior  | 16. Reduzida ou nula   |

Fonte: SANTOS, Milton. O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 1979. Adaptado.

Como afirmado acima, um elemento que caracteriza o caráter primitivo na organização do circuito inferior é o tipo de meio utilizado para transportar as mercadorias dos locais onde são produzidas ou compradas para onde são comercializadas, nesse caso, as feiras livres. Se esses meios são mais “rústicos”, sua utilização pode caracterizar uma marca do circuito marginal. Mais de 34% dos comerciantes fazem uso dos caminhões para transportarem suas mercadorias até à feira. A maioria desses é aberto e serve para o transporte de carnes, cereais, legumes e frutas. Em Itapetinga, parte desses caminhões é fechada, nesse caso, o “baú”, que é utilizado para o transporte da carne do matadouro-frigorífico municipal até à feira. Um dos meios de transporte mais primitivos e que ainda se usa para levar as mercadorias à feira é a carroça. 21%, 4% e 14% dos donos de pontos de venda, respectivamente das feiras de Maiquinique, Macarani e Itarantim fazem uso desse veículo para que seus produtos cheguem aos feirenses. Todos aqueles que o utilizam são moradores da zona rural, que comercializam o excedente da produção nessas feiras. O ônibus também foi mencionado nas entrevistas e é utilizado principalmente pelos vendedores de produtos importados do Paraguai e pelos que comerciam confecções. Entre 10% e 32% dos feirantes-comerciantes o utilizam como meio de transporte de mercadorias. Os outros mencionados na tabela correspondem ao carro de mão, à motocicleta, ao próprio homem, dentre outros. A tabela mostra um certo equilíbrio entre as escolhas dos meios de transporte utilizados pelos que vendem na feira. O uso do caminhão pode se dar tanto pelos que estão inseridos no circuito superior ou no circuito inferior. Afirma-se não haver um limite rígido acerca desse meio entre os dois circuitos, ou então é também nesse sentido que o circuito inferior depende do circuito superior, utilizando-se de alguns dos elementos desse último. No caso da presença de carroças, carros de mão, motocicletas e até os ombros do carregador trata-se, sem dúvida, de um comportamento do circuito periférico.

**Tabela 02 – Municípios integrantes da área de estudo  
Transporte usado para a condução de produtos à feira (%) – 2004**

| Meio de transporte | Feiras      |          |           |         |            |
|--------------------|-------------|----------|-----------|---------|------------|
|                    | Maiquinique | Macarani | Itarantim | Itororó | Itapetinga |
| Caminhão           | 34          | 35       | 43        | 58      | 70         |
| Carroça            | 21          | 4        | 14        | -       | -          |
| Animal             | 14          | 11       | 7         | 13      | -          |
| Ônibus             | 17          | 27       | 32        | 10      | 22         |
| Carro pequeno      | 9           | 12       | -         | 13      | 8          |
| Outros             | 5           | 11       | 4         | 6       | -          |

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

A análise de um segundo comportamento, nesse caso, o valor de capital empregado, para manter o funcionamento da atividade comercial, possibilitou identificar o montante de dinheiro empregado pelos comerciantes para o funcionamento dos seus pontos de venda. Segundo Santos (1979, p. 34), no circuito superior, o valor de capital empregado para o funcionamento da atividade comercial é importante, nesse caso, destinam-se valores altos para seu funcionamento. No circuito inferior esse valor é reduzido. A tabela 03 descreve o investimento que os feirantes-comerciantes empregam em seus negócios anualmente. Em média, mais de 52% dos feirantes-comerciantes investem até R\$ 5.000,00 nas 5 feiras estudadas. Itapetinga apresenta-se como o único município onde apenas 34% de seus feirantes investem até esse valor e 59% deles mais de R\$ 5.001,00. É importante ressaltar que foi incluso nesse total o valor das despesas com pagamento de “funcionários”, com transporte, manutenção e reforma do local de venda (usuários de boxes) e, em alguns casos, com a compra de mercadorias.

A análise dos dados da tabela 03 reforçou o propósito de inclusão das feiras no circuito inferior da economia, visto que o valor reduzido do capital empregado para a manutenção de seus respectivos negócios, apresenta-se como mais uma característica do circuito periférico.

**Tabela 03 – Municípios integrantes da área de estudo  
Comerciantes: investimento anual em capital (%) – 2004**

| Investimento (R\$)         | Municípios  |          |           |         |            |
|----------------------------|-------------|----------|-----------|---------|------------|
|                            | Maiquinique | Macarani | Itarantim | Itororó | Itapetinga |
| Até 100                    | 9           | 4        | 7         | -       | -          |
| Entre 101,00 – 500,00      | 19          | 16       | 21        | 13      | 3          |
| Entre 501,00 – 1.000,00    | 9           | 8        | -         | 17      | 5          |
| Entre 1.001,00 – 5.000,00  | 30          | 19       | 29        | 25      | 26         |
| Entre 5.001,00 – 10.000,00 | 9           | 19       | 11        | 6       | 15         |
| Mais de 10.000,00          | 10          | 8        | 14        | 29      | 44         |
| Não sabe                   | 14          | 26       | 18        | 10      | 7          |
| Total                      | 100         | 100      | 100       | 100     | 100        |

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro-setembro – 2004.

O circuito inferior da economia caracteriza-se por apresentar uma grande oferta de empregos se totalizada a quantidade de estabelecimentos ou unidades de produção, porém, nesse circuito, cada indústria ou ponto de venda oferece um número reduzido de empregos, embora seja difícil defini-los, pois compreendem tanto o trabalho mal remunerado como o trabalho temporário e instável (Santos 1979, pág. 160 e 175). No caso dos dois circuitos econômicos, sabe-se que há diferenças tanto na quantidade de empregados que cada um absorve, como nas duas definições acima. No circuito superior, o número de pessoas absorvidas por suas instituições geralmente é baixo e o trabalho tende a ser bem remunerado, enquanto o circuito inferior, retém maior número de indivíduos e o emprego é mal remunerado, sendo geralmente temporário e instável. No primeiro caso, as relações trabalhistas entre patrão e empregado se estabelecem mediante o uso da carteira assinada, seguindo-se a legislação trabalhista. Quanto às relações no circuito inferior, elas resultam quase sempre de um contrato pessoal estabelecido entre as partes, onde se dá grande importância ao trabalho familiar, diferentemente do setor formal, onde a presença dos membros da família nos estabelecimentos é insignificante. A tabela 04 caracteriza o perfil do comerciante das cinco feiras livres pesquisadas no tocante à existência ou não de empregados em seus pontos de venda e aos vínculos existentes entre eles, nesse caso, entre o “dono” do comércio e o “contratado”.

Em todas as feiras, a porcentagem de comerciantes que são os donos dos pontos de venda é significativa. Mais de 90% dos entrevistados trabalham por conta própria, excetuando-se apenas a feira de Macarani, onde 75% dos consultados apresentam-se como proprietários do local de venda. Portanto esse quadro se constitui em mais um motivo para a compreensão da feira a partir do circuito inferior da economia, que possui, dentre outras características, o fato de os locais de venda pertencerem aos próprios comerciantes. Outra característica presente na tabela e que fortalece esta idéia é o fato de que em todas as feiras a quantidade de feirantes que apenas têm os membros da família como ajudantes nos serviços é significativa. Santos (1979, p. 172) afirma que a utilização de membros da família nas atividades comerciais substitui o trabalho assalariado, que obrigaria o comerciante a pagar encargos sociais e impostos, o que poderia inviabilizar uma atividade onde a demanda é flutuante. Alguns fatores determinam essa demanda flutuante pelos produtos da feira. Dentre esses, pode-se citar o calendário agrícola, o calendário

das festas locais, as estações do ano, o período de pagamento das prefeituras locais e a data de pagamento aos aposentados, dentre outros fatores.

A escolha de familiares para o auxílio nas atividades feirenses possibilita ao feirante manter o seu ponto de venda de forma que não tenha prejuízos e que o lucro obtido possibilite a sobrevivência dele e de sua família. Como mostra a tabela 04, cerca de 38% dos “donos” de estabelecimentos trabalham com a colaboração de familiares, tomando-se a média das 5 feiras estudadas. No caso da feira livre de Itororó, mais de 52% dos comerciantes têm a presença do trabalho familiar em seus locais de venda. Se a utilização do trabalho familiar é uma característica importante no desenvolvimento do circuito inferior, as feiras, por possuírem parte de seus comerciantes que se utilizam dos membros da família no trabalho semanal, também são passíveis de serem entendidas como parte do circuito marginal.

**Tabela 04 – Municípios integrantes da área de estudo  
Perfil do comerciante nas feiras livres – 2004**

| Municípios  | Tipo de trabalho/com quem trabalha (%) |                     |                         |                   | Total |
|-------------|--|---------------------|-------------------------|-------------------|-------|
|             | Próprio/<br>sozinho                    | Próprio/<br>família | Próprio<br>c/<br>outros | Para<br>terceiros |       |
| Maiquinique | 35                                     | 37                  | 28                      | -                 | 100   |
| Macarani    | 43                                     | 30                  | 12                      | 15                | 100   |
| Itarantim   | 43                                     | 32                  | 21                      | 4                 | 100   |
| Itororó     | 32                                     | 52                  | 9                       | 7                 | 100   |
| Itapetinga  | 41                                     | 37                  | 19                      | 3                 | 100   |

Fonte: Pesquisa de campo, janeiro – 2004.

## CONCLUSÃO

Como visto, a utilização da teoria dos circuitos econômicos, criada pelo professor Milton Santos, possibilitou enquadrar as atividades feirenses como uma das manifestações do circuito inferior da economia urbana. Certamente, a maioria dos atributos desse circuito está presente nas feiras livres. A utilização do referencial teórico miltoniano na análise desse fenômeno mostra o nível de abrangência da produção científica do mesmo, que, além de dar conta de análises da atual produção do espaço geográfico mundial, do território brasileiro e das cidades, permitiu estudar a feira como um dos muitos e variados elementos da morfologia das cidades. Sem dúvida, outros fenômenos poderão ser analisados a partir do seu referencial teórico. Faz-se necessário que os estudiosos da Geografia brasileira façam, cada vez mais, uso do mesmo, continuando com o propósito do nobre geógrafo baiano: construir um espaço geográfico mais justo, logo, menos segregado socialmente.

## REFERÊNCIAS

- BROMLEY, R.J. **Os mercados periódicos dos países em desenvolvimento; uma revisão crítica.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE, 42(3), p. 646-57, jul. /set. 1980.
- BROMLEY, R.J.; SYMANSKI, R.; GOOD, C.M. **Análise racional dos mercados periódicos.** Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, IBGE, 42(1), p. 183-94, jan./mar., 1980.

CARLOS, Ana Fanni A. **A (re)produção do espaço urbano** – São Paulo: Edusp, 1994.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia crítica** - São Paulo: Hucitec, 1978.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia dos países subdesenvolvidos** - Rio de Janeiro: F. Alves, 1979.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado** 5ª ed. – São Paulo: Hucitec, 1997.